



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 93

Emergir e submergir

Branca Vianna: Tá começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Pode parecer estranho, num momento em que boa parte do Brasil tá pegando fogo. Mas calhou que o episódio dessa semana é todo regado a águas. Águas que revelam e águas que encobrem. Águas doces e águas salgadas.

Hoje, a gente tem duas histórias sobre a água nos ciclos de vida da terra, das pessoas, e até das famílias.

Quem conta a primeira é a Carol Pires.

ATO 1 - GARGALHEIRAS

Carol Pires: Tem uma história que uma jornalista chilena me contou uns anos atrás que eu nunca esqueci.

Ela, vinda de um país frio, foi arrebatada pelo calor quando viajou pra Barranquilla, no caribe colombiano. Ela disse que caminhava pelas ruas sentindo que as coxas estavam ensaboadas. E lá ela foi entrevistar umas crianças que iam fazer o primeiro passeio delas pra capital, Bogotá.

E aí então a professora falou pras crianças que elas tinham que arrumar uma malinha e colocar roupa de frio. E uma das crianças perguntou: frio? O que é frio? A temperatura média em Barranquilla é de quase 30 graus. A grande diferença entre o verão e o inverno não é a temperatura, mas a chuva. Inverno, pra quem nasce no Caribe, é o tempo das chuvas.

Eu me peguei pensando nisso esses dias por causa da história de uma outra viagem...

Carol Pires: Então, conta, você viajou com seu pai?

Miguel Levino: Uhum.

Carol Pires: Pra onde?

Miguel Levino: Pro Nordeste.

Carol Pires: Você já tinha ido?

Miguel Levino: Não.

Carol Pires: Esse é o Miguel.

Carol Pires: E quando ele falou "Mig, vamos viajar", ele falou o que era que vocês iam fazer?

Carol Pires: Esse é o apelido do Miguel: Mig.

Miguel Levino: Ele falou... tipo comprei uma passagem aqui. Pra onde? Daí ele falou que era pra ver minha família lá... no Nordeste.

Carol Pires: Foi lá no Nordeste – no Rio Grande do Norte – que o pai dele, o Rodrigo Levino, nasceu. E faz pouco tempo que os dois voltaram dessa viagem, que eu já sabia que tinha mexido muito com o Levino.

Rodrigo Levino: Eu voltei agora, recentemente, tem um mês e pouco que eu voltei com meu filho para levar as cinzas do meu pai.

Carol Pires: O pai do Levino, o João Batista Dantas, o Seu Batista – morreu em 2020. De câncer. Ele tinha só 65 anos.

Essa viagem que o Levino e o Miguel fizeram foi pra levar as cinzas dele pro lugar onde ele nasceu e viveu boa parte da vida.

E foi também uma viagem em que o Mig entendeu melhor o pai e o avô.

Carol Pires: E o que você já sabia de Caicó?

Miguel Levino: Nada.

Carol Pires: Só que sua família tinha morado lá?

Miguel Levino: Sim.

Carol Pires: Caicó foi uma das paradas dessa viagem. A cidade onde o Levino cresceu, no interior do Rio Grande do Norte.

Rodrigo Levino: Então desembarquei em Natal com meu filho e imediatamente aluguei um carro e fui para o interior. E por volta das 6 da manhã, eu acho, a gente chegou em Acari.

Carol Pires: Acari é uma cidadezinha que fica no caminho de Caicó, a uns 60 quilômetros.

Rodrigo Levino: E eu falei: "Ah, vamos fazer... vamos fazer a primeira parada da viagem, que é no Gargalheiras".

Carol Pires: Hum... e o que é o Gargalheiras? Primeiro de tudo.

Rodrigo Levino: É um açude gigante numa cidade pequena que tem só 10 mil habitantes, que é Acari, e... eu vou chorar.

Carol Pires: Você vai chorar? [Risos]

Rodrigo Levino: Vou...

Carol Pires: Pode chorar, pode chorar.

Rodrigo Levino: Não, imagina...

Carol Pires: Talvez seja bom esclarecer que em geral eu não rio quando alguém que eu tô entrevistando chora. Mas acho que aqui vale esclarecer que o Levino é o meu ex-marido.

Carol Pires: Pode chorar, que você quer falar de outros assuntos pra falar do Gargalheiras. Conta do jeito que você quer contar...

Rodrigo Levino: Não, pera. Eu não vou falar desse jeito... pelo amor de deus, peraí. [Carol ri]. Você pergunta o que é o Gargalheiras. Eu posso definir ele como um objeto... Ele é uma represa que foi inaugurada em 1959, que na verdade não se chama Gargalheiras [ri], isso é o nome popular dele. Ele se chama Barragem Marechal Dutra.

Carol Pires: A barragem — ou açude — leva esse nome em homenagem ao presidente Eurico Gaspar Dutra, que realizou obras na região.

Mas ela é mais conhecida como Gargalheiras porque fica no gargalo entre a serra do Pai Pedro, a do Minador e a da Lagoa.

Contam que quando o Dutra visitou o Rio Grande do Norte, o bispo de Natal pediu pra ele construir esse açude fazendo um trocadilho:

“Presidente, mande construir o Gargalheiras para quando houver inverno as águas gargalharem”.

Inverno, você já sabe... não é quando tá frio.

Rodrigo Levino: Inverno pro sertanejo é a estação chuvosa.

Dez invernos depois do pedido do bispo, em 1959, aconteceu a inauguração do açude. Que comporta até 44 milhões de metros cúbicos de água - que dá umas 17 mil piscinas olímpicas.

Com essa água, dá pra abastecer a cidade de Acari por 4 anos. Isso é quanto ele comporta, né? Mas ele nem sempre atinge a capacidade máxima.

Na década de 60, ele encheu completamente 9 vezes. Nos anos 90, foram só 4 vezes. Foi só caindo. Aí... em 2024...

Rodrigo Levino: O Gargalheiras sangrou depois de 13 anos.

Carol Pires: 13 anos de seca.

Rodrigo Levino: Sim... na maior parte desse tempo ele estava totalmente seco, ou umas áreas muito pequenas com água.

Carol Pires: Isso aconteceu em abril, um pouco depois do Levino voltar de lá com o Miguel. Repara que ele não disse que o Gargalheiras encheu, mas que o Gargalheiras sangrou.

Esse é o termo que as pessoas usam quando a água do açude sobe até escapar pela borda. Quando isso acontece no Gargalheiras, que é enorme, essa *sangria* vira uma cascata, que escorre pela parede larga do açude formando o que eles chamam de véu de noiva.

Quando Levino e o Miguel tavam lá, isso ainda não tinha acontecido. Mas deu pra ver que o açude tava cheio.

Rodrigo Levino: E daí eu tive uma primeira surpresa e fiquei já emocionalmente impactado... porque umas três semanas antes eu tinha recebido alguns vídeos do Gargalheiras, mas ele estava praticamente seco.

Carol Pires: Quando a água tá baixa, o açude fica parecendo uma pedreira. Uma terra seca, empedrada, com um mato que vai crescendo aqui e ali...

Aliás, talvez você até já tenha visto o Gargalheiras seco. Se você assistiu Bacurau, o filme do Kleber Mendonça. Um dos personagens, o Lunga, vive lá.

Carol Pires: Ele se esconde lá, né.

Rodrigo Levino: Ele se esconde, que é na parede do açude, que aí você vê no filme, tem um, tem um aspecto meio de... como eu digo, brutalista, apocalíptico, sei lá, aquele lugar, naquela sequidão, e é a parede do Gargalheiras.

Carol Pires: Quando o Levino foi pra lá com o Miguel, era assim, seco e bruto, que ele achava que ia encontrar o Gargalheiras.

Rodrigo Levino: Quando a gente estava no caminho para o açude, que é um caminho estreito até, assim, sobe um pouco de serra, e eu falei para o Miguel que o lugar era muito bonito, mas que ele não ia ver no auge, né. Não lembro a expressão que usei... porque ele estava seco. E quando a gente fez uma última curva assim... que olhou à esquerda, o açude estava cheio. Então ali já foi um primeiro impacto.

Carol Pires: O Miguel até achou bonito, mas acho que não ficou tão impactado assim...

Miguel Levino: Eu vi quando ele estava... vazio assim, embaixo.

Carol Pires: Com água, mas não a ponto de derramar.

Miguel Levino: Bem longe, bem, bem longe disso. Dava uns cinco Miguel para derramar.

Carol Pires: Cinco Miguel?

Miguel Levino: Uhum.

Carol Pires: Cinco você empilhado?

Miguel Levino: Sim. Dava tipo: do piso pro segundo andar de um prédio.

Carol Pires: Entendi.

Carol Pires: O Levino tinha 10 anos quando o pai dele, o seu Batista, levou ele pra ver o Gargalheiras sangrar pela primeira vez.

A mesma idade que o Miguel tinha quando foi lá com o Levino.

Rodrigo Levino: Foi em 92. E a última sangria que eu vi do açude foi em 2004. Então, esse ano são 20 anos... dessa sangria. E ficou quase o tempo de vida dele sem sangrar.

Carol Pires: Ainda que o Levino e o Miguel tivessem visto o açude cheio pela primeira vez com a mesma idade, pros dois, essa cena – essa água – tinha dois significados completamente diferentes.

O Miguel foi criado em São Paulo. Uma cidade cruzada por rios, em que chove bastante, em que volta e meia tem enchentes...

Essa foi a primeira vez que ele pisou no sertão. Agora, pro Levino, é outra coisa.

Rodrigo Levino: As chuvas alteram muito a emoção do sertanejo. [risos]. Então, tem uma coisa que é nessa época de chuvas fortes, em que vários açudes estão sangrando, como agora lá no Rio Grande do Norte, o Pataxó, Armando Ribeiro está quase, o Gargalheiras, o açude de Ipanguaçu... vários lugares estão sangrando agora. Nisso, em torno disso, se cria um turismo familiar e de amigos. Você sai de casa na sexta para visitar sei lá quantos açudes até o domingo.

Carol Pires: Nos anos 80 e 90, quando o Levino ainda morava lá nessa região, ele lembra de ter viajado com a família dele pra ver o Gargalheiras sangrando umas cinco ou seis vezes.

Rodrigo Levino: O açude sempre foi uma memória muito afetiva, porque os meus pais eram donos de restaurante, e por isso tinham uma vida muito atribulada e corrida... então, essas viagens pro Gargalheiras eram um jeito de distensionar a família, que estava sempre envolta naquela coisa do trabalho excessivo.

Carol Pires: Conta quem era seu pai.

Rodrigo Levino: Meu pai nasceu em Messias Targino, que é uma cidade muito pequena do interior do Rio Grande do Norte. Durante a maior parte da vida ele teve restaurantes.

Carol Pires: O seu Batista tinha um restaurante em Caicó. Hoje, é o Levino que tem um restaurante em São Paulo. Um restaurante de comida do sertão, que começou

com receitas da mãe dele, e a carne de sol preparada pelo pai, que se mudou pra São Paulo quando o Levino teve o primeiro filho, o Miguel.

Rodrigo Levino: Meu pai era um homem gentil, muito gregário e que era muito apegado às coisas do sertão, principalmente a comida e a natureza. Era curioso que quando ele mudou pra São Paulo, quando ele viajava pra Minas ou pro interior de São Paulo, as coisas que continuavam fascinando o meu pai eram verde e água. Essencialmente, ele nunca deixou de ser o mesmo... sertanejo.

Carol Pires: Talvez, por ignorância, quando a gente pensa em alguém que é forjado na escassez, a gente pensa em alguém duro, ou embrutecido. E o Seu Batista era o oposto disso. Ele era um homem gentil, como o Levino falou. Um homem cheio de energia, disposição pra ajudar, solícito e muito carinhoso. Quando eu lembro dele, penso no adjetivo manso. Ele era um homem manso.

E, pensando bem, não tem nenhum paradoxo aí. Acho que só quem atravessa a seca se emociona com um açude enchendo d'água. É duro e doce, ao mesmo tempo.

Carol Pires: Você nasceu no sertão...

Rodrigo Levino: Nasci.

Carol Pires: E depois se mudou para cá. Você também se considera um homem sertanejo?

Rodrigo Levino: Muito. Acho que ao longo da vida você acopla várias identidades ali. Sei lá, eu fui jornalista e hoje eu tenho um restaurante. Mas o principal das coisas todas pra mim ainda é ser sertanejo. Acho que cada vez que você volta, principalmente quando calha de encontrar esses eventos especiais, como são as chuvas... você relembra mais fortemente de onde veio. Eu acho que esse inverno serviu pra isso também.

Carol Pires: Depois de passar pelo Gargalheiras e por outras cidadezinhas, o Levino e o Miguel seguiram viagem até Messias Targino – onde o Seu Batista nasceu. Era lá que as cinzas dele iam ficar.

Miguel Levino: Na viagem eu chorei uma vez.

Carol Pires: Por quê?

Miguel Levino: Porque eu vi a casa do meu avô.

Carol Pires: O Mig viu a casa das histórias que o Seu Batista contava pra ele.

Miguel Levino: Sei lá, eu pensei como ele vivia. Nas histórias... tipo: ele me contou uma vez que ele saia pra brincar com os meninos, daí tinha um campeonatinho de futebol. Ele disse que ele era bom. Bocado de vezes no sítio. Daí nos outros sítios era tipo um campeonato.

Carol Pires: E aí ele e o Levino foram juntos até o açude da fazenda.

Miguel Levino: Um açude que ele construiu... uma piscina que ele construiu. Depois eu voltei de moto.

Carol Pires: Na cabeça do Levino, ele ia jogar as cinzas do pai numa terra seca.

Mas tinha água.

Rodrigo Levino: E não foi programado, porque não sabia que ia encontrar o sertão numa época de chuva. Então acho que foi um bom jeito de encerrar um ciclo, assim. Então a gente jogou as cinzas no açude, fomos almoçar no meu tio e depois fomos visitar a fazenda de um primo cujo açude estava pra sangrar já, não estava tão longe, e foi onde ele assistiu essa chuva gigantesca lá... com muitos relâmpagos e trovões, que não sei porque, talvez esteja falando besteira aqui, talvez seja porque justamente a área aberta também, mas a impressão é que são dez vezes mais altos e mais assustadores do que os que a gente ouve aqui. Então, ele pegou uma chuva de umas, sei lá, mas meia hora assim, sem parar, muito forte, e depois vem aquele silêncio assim...

Branca Vianna: Essa história foi produzida pela Carol Pires.

No segundo ato do episódio dessa semana, a gente sai do açude e deságua no mar, até chegar numa pequena ilha perdida no meio do nada.

Uma ilha que, por uma dessas lógicas ainda não explicadas do universo, fica dentro de um apartamento no Rio de Janeiro.

Natália Silva: Licença.

Branca Vianna: Quem foi até lá foi a Natália Silva.

ATO 2 - TUDO É MINÚSCULO

Natália Silva: Essa história chegou pra gente por um email. Da Lana Sultani, que foi quem me recebeu em Santa Teresa, o bairro mais íngreme do Rio de Janeiro.

O título era assim: João, E.L.A. e o Teatro.

Lana Sultani: Eu falei assim: "João, vai vir a Rádio Novelo Apresenta, que é um programa de podcast". Ele fez assim: [onomatopéia de surpresa], sim. Eu falei "Você conhece? Você ouvia?". Sim.

Natália Silva: Ele escuta?

Lana Sultani: Ele escutava.

Natália Silva: Escutava.

Lana Sultani: Escutava.

Natália Silva: No e-mail, "ELA" tava escrito em letras maiúsculas separadas por pontos. E, ponto, L, ponto, A, ponto. Um acrônimo assustador. Talvez o mais assustador de todos. O acrônimo de Esclerose Lateral Amiotrófica.

Lana Sultani: O João tem 42 anos de idade. Ele foi diagnosticado com 38. Surfista. Super ativo. É uma doença que não tem causa e não tem cura. E ele nunca pensou que um dia ele ia passar por isso.

Natália Silva: Esse ruído que você tá escutando no fundo é do respirador do João. A máquina da qual ele depende pra sobreviver.

A E.L.A. é uma doença degenerativa muito rara. No Brasil, a estimativa é de tenham, por ano, 5 casos pra cada 100 mil pessoas.

Em 2020, a Lana Sultani – que é professora de teatro e conheceu o João assim, como aluno – recebeu uma ligação dele, dizendo que ele tinha poucos anos de vida.

Ela achou que fosse brincadeira. Porque ele é o tipo de pessoa que faria uma brincadeira dessas. Alguém que sempre gostou de emoções intensas.

Mas não era brincadeira. Ele era um dos 5 entre 100 mil.

Lana Sultani: Eu fico muito emocionada, até hoje. Porque assim... a gente, por causa da pandemia, foram alguns anos de distanciamento, mesmo. Então, eu moro em São Paulo, o João mora no Rio de Janeiro, então eu não vim muito pra cá, né? Mas ele foi criando uma narrativa postando pelas redes sociais.

Natália Silva: Em janeiro de 2021, o João fez a primeira postagem no Instagram sobre a doença.

A imagem é uma animação. No primeiro plano, o mar. No segundo, uma ilha com um farol. Um farol bem platônico, daqueles com faixas brancas e vermelhas. E, no fundo, um céu azul com algumas nuvens.

Ele tinha recebido o diagnóstico uns meses antes... mas, se um desavisado lesse, ele não ia saber do que ele tava falando.

Lana Sultani: Quando ele recebeu o diagnóstico, ele ficou muito tempo sem falar pra ninguém. Ele guardou pra ele.

Natália Silva: A legenda desse primeiro post diz assim: *depois de passar 2020 exaustivamente na academia militar da marinha, em 2021 fui transferido para uma ilha, para trabalhar no farol. Minha rotina se resume em vigiar os limites do meu território e, eventualmente, sinalizar a algum navio que passa, que estou por aqui. Não muito mais que isso. Um ano muito importante pra mim, no entanto.*

Lana Sultani: Eu tinha falado pra ele de uma frase que eu vi num filme, "O equilibrista", que eu tinha gostado muito que é : "Sou um náufrago solitário na ilha dos meus sonhos".

Trecho do filme "O Equilibrista" (2008)

Philippe Petit: *I must be a castaway on the desert island of my dreams.*

Lana Sultani: E isso virou, nas nossas conversas, virou uma imagem. Que aí ele acabou até trazendo pra própria narrativa pra ele entender esse processo dele. Então, ele transformou na imagem da Ilha do Farol.

Natália Silva: Foi no Instagram que o João criou a imagem dessa ilha. Você pode, inclusive, ver todas as postagens que eu vou falar aqui na página dele:

@ailhadofarol. Não esquece do A na frente de ilha.

Nos três primeiros meses de 2021, ele fez 5 postagens que tinham a ver com essa metáfora. A ilha virou um símbolo de como ele se sentiu com o diagnóstico.

Lana Sultani: Ele tava se sentindo solitário, né, nesse processo da doença. E essa imagem ajudou bastante e a gente começou um processo de criação de uma montagem teatral, de um solo, aí ele já tava na cadeira elétrica e a voz dele nos ensaios já tava sumindo. Então a gente ia estrear e a gente não tinha a menor ideia se ia ter voz ou não. Se ia usar microfone ou não.

Natália Silva: Essa foi a primeira peça que vocês fizeram juntos?

Lana Sultani: Sim. Que foi em 2022. A gente começou a ensaiar. Bem no começo.

Natália Silva: E chamava "A Ilha do Farol"?

Lana Sultani: A Ilha do Farol.

Trecho da peça "A Ilha do Farol" (2022)

João Vicente: Bom, depois de ter passado o ano de 2020 na academia militar na marinha... eu fui transferido pra essa ilha. Pra trabalhar no farol.

Natália Silva: Em setembro de 2022, o João estreou essa peça – que é um monólogo, uma autoficção.

A Lana começou esse processo criativo com ele, mas foi o João quem tirou a ideia do papel – e do Instagram – com uma outra equipe. A Lana virou espectadora.

Esse texto que ele tá encenando é uma versão daquela primeira postagem que ele fez, que eu li pra você agora há pouco.

Trecho da peça "A Ilha do Farol" (2022)

João Vicente: E sinalizar a algum navio que passa que eu estou aqui. Que eu ainda estou aqui.

Natália Silva: Essa som que você tá ouvindo é de uma filmagem foi feita em uma apresentação que aconteceu em novembro de 2022, no Teatro Ipanema, no Rio de Janeiro. A voz do João já tava ficando mais fraca.

Sentado numa cadeira de rodas elétrica, usando um gorro vermelho e roupas pretas, ele vai narrando a vida nesse farol – nesse farol ficcional, de onde ele observa tudo. Uma parte dessas observações é ficcional também; outra parte é de coisas que realmente aconteceram.

Tipo o dia em que ele recebeu a notícia do diagnóstico.

Trecho da peça "A Ilha do Farol" (2022)

Voz masculina: Paciente João Vicente?

João Vicente: *Sim. Sim. Sim, sou eu. Próximo paciente. É pra eu entrar? Ah! É que, doutor, havia uma dúvida se seria um pinçamento do nervo. Então eu tô aqui pra saber. Será que é um pinçamento do nervo? E ele respondeu: "Não." E foi engraçado que o "não" dele foi diminuindo de tom assim. "Não." E aí eu parei pra perceber que todo som mais grave, ele te dá um certo suspense. Uma coisa meio... não...*

Lana Sultani: E ele ficou uma ou duas temporadas em cartaz. Até o ano passado. Só que aí mais ou menos em março do ano passado, ele pegou uma infecção muito forte e aí ele foi internado. E aí teve que fazer a traqueostomia, que aí foi colocar o respirador mecânico, e aí desde então ele tá vivendo no apartamento, no quarto. Ele precisa ter uma enfermeira 24 horas por dia, ele tem acesso de alimentação, né, por causa da traqueo, e a questão da voz, da fala, ele foi perdendo... o movimento do corpo todo. Hoje ele mexe os grupos musculares da cabeça e pescoço.

Trecho da peça "A Ilha do Farol" (2022)

João Vicente: *Queria dar um dado aqui pra vocês. Dez milhões de dólares são gastos por ano com tratamento paliativo pra essa doença. Menos de um décimo é gasto com pesquisas para a cura. Quem se favorece? Quem? A gente sabe, né? Mas... eu continuei a minha vida. Nessa época, eu tava apenas com o pé esquerdo meio falho e eu tropeçava muito no chão. Eu tava andando um dia e eu tropecei. Caí de cara no chão. Quebrei o dente. No meio da rua assim... todo mundo veio me ajudar. E aí veio uma senhora. E eu tava com dificuldade de me levantar também. Uma coisa meio estranha. Aí veio uma senhora me ajudar, né. Aí ela falou: "Meu filho, você tá bêbado? Melhor você ir pra casa, né?". Eu falei: "Sim, tem razão. Vou pra casa". Peguei um táxi, fui pra casa imediatamente. E entrei no chuveiro e chorei. E não conseguia parar de chorar. Mas eu continuei a minha vida. Tem que continuar, né?*

Natália Silva: Hoje, o João não mexe a maior parte do corpo, nem consegue mais emitir sons, mas ele tá consciente. Ele tá ali.

Lana Sultani: Quer conhecer ele?

Natália Silva: Sim.

Natália Silva: O João tá deitado numa cama hospitalar, num quarto na casa dele.

Ele vê, ouve, consegue mexer os olhos, piscar. E mexer a boca, já com bastante dificuldade.

Lana Sultani: Oi, amor. Essa é a Natália.

Natália Silva: Oi, João. Prazer. Eu sou da Rádio Novelo. Fiquei sabendo que você escutava a gente antes. Eu tô aqui pra acompanhar a peça hoje. Muito feliz de estar aqui.

Lana Sultani: Brigado? Ele agradeceu.

Natália Silva: Imagina, eu que agradeço.

Natália Silva: Sim... você ouviu direito. Eu fui até ali pra ver uma nova peça que o João tá encenando. Um outro projeto que nasceu das conversas entre ele e a Lana.

Lana Sultani: Em janeiro, eu vim visitar o João. E eu não sabia direito como lidar com essa situação, então eu vim aberta. E trouxe vários livros que ele me trouxe como referência nas montagens de criação, nos processos de criação que a gente fez. E trouxe música que ele gosta... e a gente passou uma semana cantando, dançando, lendo. Ficando em silêncio. E a gente chorou muito. Porque foi um reencontro, né? Foi muito forte. E, no último dia, o Ricardo veio visitar...

Natália Silva: Ricardo Loureiro, um amigo em comum deles, que também é ator.

Lana Sultani: E a gente ficou um pouco junto, a gente chorou, a gente colocou música, lembra?

Ricardo Loureiro: É.

Natália Silva: Que músicas que ele gosta?

Ricardo Loureiro: Então... não sei se a gente pode falar assim, porque tem na peça, mas ele gosta muito de Gal Costa.

Lana Sultani: Caetano Veloso também. Tudo meio anos 70. Bob Marley.

Ricardo Loureiro: Sim, sim...

Lana Sultani: E aí, nesse domingo, que a gente dançou, escutou música...

Ricardo Loureiro: É, no final né, a gente teve música, dançou com o João, a gente leu texto. Aí a Lana fez essa proposta, né, junto com o João também, ele já tava meio... bem assim, a gente via um outro brilho né, nos olhos dele, e aí a Lana trouxe essa proposta da gente criar uma apresentação... e a gente nem imaginava como que iria ser. A gente realmente só teve a vontade de se divertir primeiro, assim, junto com o João. Trazer a arte de novo pra vida dele.

Lana Sultani: Assim, eu trabalho com teatro. Se eu fosse dentista, eu ia pedir pra ele abrir a boca. Mas como eu trabalho com teatro, eu propus da gente fazer uma montagem teatral nós três juntos...

Natália Silva: Foi assim que nasceu a peça "Tudo é minúsculo, tudo é presença". Eu fui assistir no dia 24 de agosto. Essa já era a décima sétima sessão.

Natália Silva: Como foi a primeira apresentação? Quando foi?

Lana Sultani: A primeira apresentação foi em março. Foi muito diferente de hoje, porque ela foi muito curta e a gente não soube lidar com as dificuldades que surgiram. Como: o João ele saliva muito, então ele saliva muito, então precisa aspirar, então às vezes precisa aspirar no meio da peça. Então a gente criou um código que ele mostra pra gente que ele precisa ser aspirado. Então a gente assumiu a enfermeira como parte integrante da peça.

Natália Silva: É uma peça em que cada atuante interpreta a si mesmo. Não tem personagem. O João é o João, a Lana é a Lana, o Ricardo é o Ricardo. E as enfermeiras tão ali pra serem enfermeiras... pra cuidar do João.

Lana Sultani: Não é uma ficção. A gente tá lidando com aspectos reais que não dá pra esconder, né?

Natália Silva: Nem eu consigo esconder aqui os barulho das máquinas que mantêm o João vivo. A realidade tá ali, muito escancarada.

Lana Sultani: As pessoas que vêm assistir também, a gente não sabe como elas vão lidar. Porque é uma experiência radical, a gente sabe disso. Cada um vem com a sua história pessoal. Então a gente tenta direcionar pro público ir ficando confiante, seguro, se sentindo seguro, pra continuar até chegar no quarto.

Lana Sultani: Pode entrar, fica à vontade.

Espectador: A gente tira os nossos sapatos?

Lana Sultani: Se quiser tirar sapato, pode. É o jeito como vocês se sentirem melhor.

A gente vai ter um momento agora que a gente vai entrar no quarto. Aí o João tá lá. Ele tá numa cama hospitalar, com um respirador mecânico e aí vai ter uma ação com duração de aproximadamente 30 minutos. Depois a gente vai encaminhar vocês aqui de volta pra sala e a gente vai dar novas instruções. A outra coisa é: higienizar as mãos com álcool e usar a máscara.

Lana Sultani: Então tem vários procedimentos que acontecem pra gente mostrar pro público que a iminência da morte ela faz parte da vida, né?. E que por mais que uma pessoa que esteja numa situação não comum, também faz parte da vida. E a gente não quer esconder isso. A gente só quer proporcionar uma oportunidade de encontro.

Natália Silva: Depois dessas instruções, a gente... o público, é convidado a entrar no quarto. A gente entrou um por um naquele quarto onde eu tinha ido pra conhecer o João. Só que agora parecia outro lugar.

A luz tá apagada. A única iluminação vem de uma dessas luminárias de quarto de criança, sabe? Que projeta imagens no teto. Essa projetava peixes, águas-vivas e outros seres marinhos.

Todo mundo foi se ajeitando nas cadeiras e em um sofá que fica do lado da cama do João. E ele olhando fundo no olho de cada um que sentava de frente pra ele.

De fundo, além do som da respiração do João, tem um som de mar. O João tá coberto até o pescoço com tecidos azuis, meio translúcidos, usando uma máscara de mergulho na testa.

Se antes ele era uma ilha, agora, com o avanço da doença, ele tá indo aos poucos pro fundo do mar.

O som do respirador mecânico podia muito bem ser o som que um mergulhador escuta, de um cilindro de oxigênio.

Quando você mergulha, você ouve um barulho grave, das bolhas de oxigênio subindo pra superfície, e o da sua própria respiração.

Lana Sultani: A Fernanda tá aqui hoje porque ela sabe operar uma máquina especial que ela tira o mar de dentro do João. Às vezes ele transborda, né, João?

Fernanda: Esse aspirador é pra quando o João não tiver mais conseguindo respirar, que ele tiver com muita secreção, e aí eu tenho que retirar essa secreção da parte pulmonar dele. Porque é necessário.

Lana Sultani: Então tá tudo bem. Tudo sob controle.

Natália Silva: Ficar descrevendo parte por parte o que aconteceu ali, naquele quarto, seria... inútil. Porque eu não vou conseguir fazer essas mesmas coisas acontecerem aqui. O que eu posso te contar e eu quero te contar são duas coisas.

A primeira é do pedaço da peça em que o João atua sozinho. A cada apresentação, ele escolhe uma música pra cantar.

O João não canta como a Gal cantava, fazendo as cordas vocais vibrarem com o ar que sai dos pulmões. Mas ele canta... como eu canto.

Eu sou péssima cantora, então, quando eu canto, eu só mexo a boca. Eu finjo, por alguns minutos, que eu tenho a voz da Gal Costa.

Se alguém por acaso tiver espiando a minha casa, vai me ver com alguma frequência em frente ao espelho do banheiro dublando notas que eu nem sonho em alcançar. Eu faço isso ou quando eu tô muito feliz, ou quando eu tô muito triste.

Quando o João fez isso ali na minha frente, olhando no meu olho e no de todo mundo que tava lá... eu entendi o quanto ele tá ali.

A segunda coisa que eu queria te contar é sobre o que acontece depois do fim da peça.

Lana Sultani: A gente pensa o seguinte: que o João, ele deu uma coisa pra vocês. E aí a gente tá abrindo essa possibilidade, se vocês quiserem, de dar alguma coisa pra ele.

Natália Silva: A cada apresentação, a Lana e o Ricardo convidam o público a também apresentarem alguma coisa pro João.

Lana Sultani: Não é obrigatório, não é todo mundo pra fazer, tá bom? Mas é o que vocês ficarem com vontade.

Natália Silva: Eles deram umas ideias pra ajudar... criar uma cena de uma novela de baixo orçamento. Fazer um vídeo-clipe.

Ricardo Loureiro: O violão também tá disponibilizado, tá? Se quiserem usar.

Lana Sultani: Ah, isso daí é o João que cria, tá.

Natália Silva: Tinha um pandeiro também. E uns outros objetos meio aleatórios, tipo macarrão, velcro, uns parafusos...

Lana Sultani: Vocês podem pegar. Esses objetos vão ajudar muito vocês no processo de criação...

Natália Silva: Só tinha duas regras. Uma era que a gente só tinha 10 minutos pra bolar alguma coisa.

Espectador: A gente tem 10 minutos, tá.

Ricardo Loureiro: Uma hora só tem que acabar, né?

Natália Silva: E outra é que não era pra fazer um espetáculo de duas horas.

Natália Silva: Qual vai ser a cena?

Espectadora 1: Uma coisa clássica, uma traição, assim...

Espectadora 2: Tapa na cara.

Espectadora 1: Tapa na cara, boa!

Natália Silva: O grupo decidiu fazer uma novela de baixo orçamento com vídeo-clipe.

Espectadora 1: Pode ter um toque mexicado. Uma coisa meio...

Espectadora 2: É, aí você descobre que ele é tipo...

Espectador: Tem que ter algum parentesco.

Natália Silva: A trama era a seguinte: uma mulher chega em casa e pega o marido beijando outro homem. Ela descobre que tá sendo duplamente traída... porque o amante do marido também é amante dela.

Novelão. Com direito a plot-twist. Depois de uma longa conversa, em vez de traição, aquele rolo vira um trisal. Os três se casam, numa coisa meio "Dona Flor e seus dois maridos".

Espectador: E aí todo mundo começa a dançar.

Natália Silva: Exato. E a aliança deles vai ser o parafuso. Cada um sai com um parafuso.

Natália Silva: Todo mundo foi dando uma opinião. Da música que a gente devia cantar no final. Como usar os instrumentos durante a história.

Marcela Casaca: E no momento de tensão da traição pode ter um [batidas no pandeiro].

Espectador: Perfeito.

Natália Silva: E o grand-finale ia ser o casamento dos três, com direito a padre e uma música sobre amar, no tal vídeo-clipe.

Natália Silva: Podemos ir?

Espectador: Vamo!

Natália Silva: Eu vou bater aqui.

[sons de pandeiro]

Natália Silva: Aliás... essa pessoa com um talento único pro pandeiro é a Marcela Casaca. A diretora-executiva aqui da Novelo. Ela foi ver a peça também... e assumiu o posto de diretora de teatro.

A cena foi um sucesso. Teve beijo, teve briga, teve reconciliação, teve casamento, teve música...

Ali naquela platéia que virou elenco, não tinha nenhum ator profissional. E a maioria claramente não era muito afinada... mas a cena saiu.

O João sorriu o tempo todo.

Lana Sultani: E aí, João?

[Risos generalizados]

Espectador: A gente tá aprendendo, hein.

Lana Sultani: João, você tá esperando? Foi a primeira vez que alguém fez, né, cena de novela de baixo orçamento.

Espectadora: Com clipe.

Espectador: Baixíssimo orçamento.

Natália Silva: O Ricardo tava de pé do lado do João, de olho na boca dele, pra ver o que ele tava dizendo.

Ricardo Loureiro: Maravilhoso.

Natália Silva: Foi ele que viu que o João disse "maravilhoso". E "amei".

O Ricardo é um dos que mais entende o que o João diz porque ele tem uma deficiência auditiva, então ele sabe ler lábio muito bem.

Numa das últimas postagens que o João mesmo escreveu no Instagram dele, já com a ajuda de um programa que deixava ele digitar usando o movimento dos olhos, ele agradeceu os amigos. Ele escreveu amigos com "a" maiúsculo, como se fosse uma instituição.

Aí ele diz assim em seguida: *Difícil descobrir um amigo. Devido à minha doença, eu entendo muito mais sobre amizade.*

Hoje em dia, quem cuida do Instagram "A Ilha do Farol" é a Lana. Todo mês, ela viaja de São Paulo pro Rio pra encenar a peça com o João, sem saber se aquela vai ser a última apresentação.

Eu falei pra ela que de tudo que eu vi acontecer ali naquele fim de tarde, o mais bonito foi o gesto de fazer tudo aquilo acontecer.

A peça "Tudo é minúsculo, tudo é presença" acabou de ser indicada ao Prêmio Shell de Teatro, que é um dos mais tradicionais do Brasil. Existe desde 1988.

A indicação foi na categoria pra peças que têm um impacto positivo na sociedade.

Lana Sultani: A gente não criou teatro pra ter uma experiência transformadora. A gente criou teatro por necessidade. Porque o João precisa fazer teatro.

Trecho da peça "A Ilha do Farol" (2022)

João Vicente: *Eu gostaria de ser que nem os elefantes, que sabem a hora do fim e se recolhem da manada e vão pro seu canto morrer em paz. Sabendo que viveram uma vida... uma vida... digna. Uma vida vivida. E eu acho que é assim que deve ser.*

Branca Vianna: Essa foi a Natália Silva.

No Instagram @ailhadofarol você encontra as coordenadas pra ver a peça e também como apoiar o projeto do João Vicente, da Lana Sultani e do Ricardo Loureiro.

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Na página do episódio no site da Novelo, dá pra ver uma foto do Miguel no Gargalheiras, e também tem um link para a gravação da peça "A Ilha do Farol".

E, já que você vai tá no site, dá pra se inscrever pra receber nossa newsletter, que chega toda quinta com uma crônica sobre o episódio e uma dica cultural quente da equipe da Novelo.

Você também pode seguir o Rádio Novelo Apresenta na plataforma onde você tá ouvindo esse episódio: se inscrever no canal da Novelo no YouTube, seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, favoritar na Deezer... Também dá pra deixar um comentário sobre o episódio, tanto nas nossas redes, quanto na Apple ou no Spotify.

Pra falar com a gente, é só marcar @radionovelo no Twitter ou no Instagram, ou mandar email pro apresenta@radionovelo.com.br.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo.

Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux.

A produção executiva é da Marcela Casaca, e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

A Natália Silva é editora executiva.

Nossos repórteres e roteiristas são Vitor Hugo Brandalise, Évelin Argenta, Bia Guimarães, Sarah Azoubel, Carol Pires, Bárbara Rubira, e Carolina Moraes.

A Ashiley Calvo é produtora.

A checagem deste episódio foi feita pelo Plínio Lopes e pela Caroline Farah.

O desenho de som deste episódio foi da Bia Guimarães e da Paula Scarpin, e a mixagem é da Bia Guimarães e da Júlia Matos.

Nesse episódio, a gente usou música original de Kiko Dinucci, e também da Blue Dot.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa coordenadora executiva é a Lara Martins, nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira, e a nossa estagiária é a Isabel de Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.